|  |  |
| --- | --- |
| **Revisor A | Comentário 1**  Aceito as revisões das autoras, embora me pareça - apesar das clarificações - que este artigo será mais um comentário do que um artigo científico. Não consigo atestar, pelo artigo em si, se a experiência das autoras é ou não suficiente para que profiram algumas das afirmações que são feitas ao longo do texto. Parece-me um texto válido e um bom contributo para a área, mas carece de maior sustentação teórica. | **Resposta**  Enquanto autoras, atestamos total compreensão pelo comentário do/a Revisor/a. No entanto, não nos é possível apresentar sustentação teórica adicional. Julgamos que esta é uma questão que deve ser analisada no contexto da solicitação do artigo em questão. De facto, o pedido inicialmente endereçado foi o de elaborar um comentário para a AMP. Ao iniciar o trabalho, que muito nos estimulou, considerámos que a nossa experiência profissional, o nosso conhecimento das instituições de saúde e também a evidência disponível nesta área justificariam um artigo mais abrangente. Após alguma troca de ideias com o Editor-Chefe da AMP foi-nos proposto que o artigo fosse, de facto, mais abrangente, nomeadamente com um cariz mais prático (“how to”) e menos teórico (como teria sido, por exemplo, um artigo de revisão). Apesar do nosso contacto permanente com a comunidade científica, que nos permite estar confiantes com o trabalho de pesquisa da evidência que elaborámos e incluímos neste artigo, não somos profissionais da academia. Nesse sentido, deixamos ao critério editorial se o conteúdo apresentado ainda se adequa ao formato de “guidelines”.  Além disso, salientamos que o ângulo inicialmente solicitado foi precisamente o de não existir uma massa crítica robusta no campo da comunicação em saúde em Portugal; acreditamos que o trabalho desenvolvido neste artigo permite preencher, ainda que parcialmente, essa lacuna. |
| **Revisor B | Comentário 1** #Estratégias de comunicação em saúde baseadas em evidência. As autoras afirmam que há evidência que demonstra que os apelos de medo não são eficazes. Contudo, a evidência é mais complexa do que polarizada em eficaz/não eficaz (ver por exemplo <https://psycnet.apa.org/record/2015-48611-002>). Embora seja verdade que este tipo de apelos têm sido desaconselhados no contexto da pandemia pelos efeitos adversos a que estão associados, conforme exposto pelas autoras. | **Resposta**  Reformulámos o texto para: “No entanto, os efeitos destas estratégias estão estudados e há evidência que demonstra que a sua utilização não é a mais indicada no contexto da pandemia.” |
| **Revisor B | Comentário 2**  #O exemplo da infodemia em tempo de COVID-19. Esta secção beneficiaria de citações adicionais, uma vez que estão disponíveis na literatura guidelines concretas a este respeito, que sustentarão as afirmações das autoras. | **Resposta**  Foram acrescentadas referências bibliográficas (e assinaladas no texto) que fortalecem a sustentação de algumas das afirmações nesta secção. |